

*Inventário historiográfico e construção identitária em Forquilha - Santa Catarina**

JOÃO HENRIQUE ZANELATTO^{*1}

Universidade do Extremo Sul Catarinense

PAULO SÉRGIO OSÓRIO^{*2}

Universidade do Extremo Sul Catarinense

Resumo: Durante o século XX os descendentes de alemães estabelecidos em Forquilha à partir de 1912, município situado no Sul Catarinense, procuraram construir uma imagem de cidade alemã. Esta imagem foi também exteriorizada nos escritos produzidos sobre o município. Os demais grupos étnicos (lusos, italianos, poloneses, russos, japoneses e afro-descendentes) que habitavam aquela localidade ficaram invisíveis na historiografia sobre o município. Assim, o presente artigo ao fazer um inventário historiográfico sobre Forquilha buscou compreender como a imagem de cidade alemã foi sendo sedimentada nestes escritos. Buscou-se demonstrar que após a emancipação política o poder público municipal investiu na consolidação desta identidade.

Palavras-chave: Historiografia; Identidade; Forquilha.

Abstract: During the twentieth century the descendants of Germans from the Forquilha established in 1912, located in the southern municipality of

* Recebido em 01 de maio de 2015 e aprovado para publicação em 11 de junho de 2015.

*1 Doutor em História pela PUCRS, professor do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense. E-mail: jhz@unesc.net.

*2 Mestre em Educação pela UNESC, professor e Coordenador do Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense. E-mail: psos@unesc.net.

Santa Catarina, sought to build a picture of German city. This image was also externalized in the writings produced over the county. All other ethnic groups (lusos, Italian, Polish, Russian, Japanese and african descent) inhabiting that location were invisible in the historiography of the municipality. Thus, this article while doing a historiographical inventory on Forquilha sought to understand how the image of the German city was being sedimented in these writings. We attempted to demonstrate that after the political emancipation of the municipal government invested in the consolidation of ethnic identity.

Keywords: Historiography; Identity; Forquilha.

Introdução

O município de Forquilha está situado no Sul Catarinense a 200 km da capital Florianópolis. Obteve sua emancipação política em 1989 e até este ano era um Distrito que pertencia ao município de Criciúma. Oficialmente a comunidade de Forquilha teria sido fundada em 1912 por descendentes de imigrantes alemães procedentes de São Martinho. Desta data em diante observa-se que várias famílias (em especial aquelas que ascenderam economicamente e foram ocupando os espaços de poder como professores, padres, intendentos, vereadores, prefeitos) desses descendentes de imigrantes alemães que se estabeleceram em Forquilha procuram construir um discurso e uma imagem de comunidade, distrito e município de origem alemã. Tornaram invisíveis os grupos étnicos luso-brasileiros, italianos, poloneses, russos, negros e japoneses que também se estabeleceram no município, alguns destes já estabelecidos muito antes de 1912. Esta demarcação indenitária cresceu após a emancipação.

Desde 1912 os descendentes de alemães que se estabeleceram em Forquilha, constituíram um núcleo com escola, igreja e venda. Na escola ensinava em alemão, a igreja era com bancos reservados para alemães e casavam somente com seus descendentes. No início dos anos de 1930 criaram uma Cooperativa (Sociedade União Colonial), os fundadores e

demais sócios eram somente descendentes de alemães, na década de 1950 foi criada uma Cooperativa de Eletrificação Rural, a maioria dos dirigentes foram e são os descendentes de alemães. No campo político a criação do distrito e a emancipação foram articuladas por seus descendentes. O processo de emancipação envolveu uma disputa étnica, pois no plebiscito a maioria dos favoráveis foram os descendentes de alemães, enquanto os descendentes de italianos articularam um movimento contrário. Até a década de 1980 o núcleo urbano do Distrito era ocupado em sua maioria pelos descendentes de alemães, enquanto os outros grupos étnicos moravam no entorno do Distrito. Antes da emancipação os grupos étnicos (italianos, lusobrasileiros, poloneses) que moravam no entorno do núcleo urbano do Distrito estabeleciam relações econômicas (compra e venda de produtos) e religiosas (ir às missas, casamentos, participar de festas) com outros municípios. Dos seis prefeitos que governaram o município de 1989 a 2012 quatro foram descendentes de alemães e dois italianos. Uma das ações do primeiro prefeito eleito Vanderlei Luiz Ricken (1989) foi incentivar a construção das casas com fachadas exaimel, a população que construísse casas neste estilo recebia isenção de impostos municipais. O prefeito Vanderlei Luiz Ricken criou também a “Frühlingsfest” (festa das flores) e em 2003 foi substituída pela HeimatFest (festa das origens) com objetivo de valorizar supostas tradições alemãs. Foi criado também o centro teuto-brasileiro.¹ Em 1912 foi realizada a festa do centenário de fundação e colonização de Forquilha, no evento foram produzidas suvenires com as bandeiras do município e a da Alemanha. A festa foi regada com muito Chopp e culinária “típica” alemã.

Os descendentes de alemães estabelecidos em Forquilha investiram na afirmação de fronteiras étnicas. A afirmação de fronteiras étnicas é aqui mostrada numa perspectiva relacional entre os grupos,

¹ Sobre as tensões e os interesses sociopolítico que envolvia os descendentes de alemães e os outros grupos étnicos de Forquilha ver: ZANELATTO, João Henrique. OSÓRIO, Paulo Sérgio. Forquilha: do presente para o passado, outras memórias uma nova história. Forquilha, SC: Ed. UNESC, 2012.

demarcando uma zona de “fricção interétnica” e criando um conjunto de representações classificando o “nós” e os “outros” (Barth, 1976) Dessa maneira, as relações sociais de fundo étnico surgem por oposição, se afirmam negando a outra identidade, e criam símbolos, mitos e valores para se distinguirem. Elas constituem-se em uma espécie de ferramenta tática de que os indivíduos ou grupos podem se utilizar, se perceberem vantagens. Portanto são expressões de lutas, são categorias de classificação com forte sentido político e por isso são fluídas, flexíveis e possíveis de manipulação. Em síntese, a etnicidade pode ser caracterizada como “uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 141).

Inventariando a produção historiográfica, construindo fronteiras étnicas: como a história foi contada

Ao longo do século XX várias famílias dos descendentes de alemães estabelecidos em Forquilha procuraram construir uma imagem de cidade alemã, construção que foi intensificada após a emancipação política. Esta imagem foi também exteriorizada nos escritos produzidos sobre o município. Assim, este inventário levantou vinte e nove escritos sobre Forquilha, provavelmente esse número deva ser maior. Cabe registrar que a maioria dos municípios do Sul Catarinense possui somente duas ou três obras publicadas sobre sua história e que, portanto estão muito longe de se aproximar de Forquilha neste quesito.

Mas quem vem escrevendo a história de Forquilha? Quando começaram a ser escritas? Como essas obras percebem/apresentam ou omitem a construção da identidade étnica em Forquilha? E como após a emancipação buscou-se consolidar essa identidade étnica? Os primeiros escritos publicados em formato de livro datam da década de 1980 quando Forquilha ainda não era município. Os escritos constituem-se de livros,

capítulos de livros, pequenos textos em livros, e monografias de especialização e de conclusão de curso. Antes desta data foram produzidas várias crônicas como, por exemplo, as de Jacob Arns e Adolfo Back. Sua história vem sendo escrita por antropólogos, historiadores, linguistas, jornalistas, filósofos (padres) e por moradores da comunidade sem formação acadêmica, mas preocupados em registrar a história de sua família ou do seu bairro.

O registro da história de Forquilha foi marcado principalmente por biografias, trajetórias de famílias, história das famílias pioneiras e história de bairros. Foram escritas em sua ampla maioria por descendentes de alemães e abordavam os feitos de seus familiares. Essas histórias caracterizaram-se por uma descrição de acontecimentos, muitas sem uma problematização desses acontecimentos, não indicavam as fontes utilizadas e tinham a pretensão de ser a única verdade. Foram poucos os registros que fizeram outro tipo de abordagem sobre Forquilha. Assim, além de fazer o inventário, dividimos estes estudos em quatro grupos: a) “Os primeiros escritos”; b) “As biografias”; c) “As histórias gerais”; d) “Os escritos temáticos”. Tendo em vista a grande quantidade de obras inventariadas, o leitor não encontrará uma análise aprofundada das mesmas, fez-se uma opção em dar visibilidade para grande produção de escritos sobre Forquilha que deram ênfase para a etnia alemã. Entende-se que o inventário contribuirá para demonstrar que estes escritos vêm desempenhando um papel relevante na sedimentação de uma identidade alemã para a cidade.

Os primeiros escritos

Os primeiros escritos sobre Forquilha foram constituídos por crônicas, trabalhos monográficos e por capítulos e fragmentos de livros. Nesta classificação estão os escritos de Otilia Arns, Pedro Milanês, Archimedes Naspolini Filho e João Leonir Dall’Alba.

Um dos primeiros escritos sobre Forquilha foi produzido por Otilia Arns em 1985, livro comemorativo ao centenário do município de Criciúma. Nesta época Forquilha ainda não havia se emancipado, era Distrito de Criciúma.

No livro “Criciúma 1880-1980: a semente deu bons frutos” Otilia Arns destacou os grupos étnicos que considerou os principais formadores de Criciúma. A autora traçou um perfil histórico da administração de Criciúma, passando pela origem do nome, prefeitos municipais, administração religiosa católica (padres e paróquias) e outras denominações religiosas, finaliza apontando para a organização dos festejos dos 100 anos (comissão organizadora, cronograma dos festejos, rainhas, danças folclóricas, festas religiosas...).

No livro há um capítulo intitulado: “A etnia alemã de Forquilha”. Nele como o próprio título indica, Arns abordou somente a presença de alemães em Forquilha, outros grupos étnicos como italianos, lusos, poloneses e japoneses que viviam no distrito não são retratados pela autora. Italianos, poloneses e os lusos que a autora chama de caboclos são mencionados ligeiramente quando fala da geografia física e humana de Forquilha. “As terras já não apresentam matas propriamente virgem porque, de modo ralo, estavam ocupadas por caboclos e algumas famílias de origem italiana e polonesa” (ARNS, 1985, p. 129)

Publicado em 1991 o livro “Fundamentos históricos de Criciúma” de Pedro Milanez buscou fazer uma história geral da cidade de Criciúma. O livro está estruturado em vinte e dois capítulos e uma centena de subcapítulos, não se observa uma articulação entre os capítulos e os subcapítulos, são constituídos de fragmentos de textos diversificados. Na justificativa para a escrita do livro, Milanez explica que a obra é um pequeno compêndio histórico de Criciúma e não é uma obra literária. “Ao realçar alguns fatos pitorescos, mesclados de enfoques históricos, pretendemos proporcionar ao leitor, uma panorâmica visão de episódios marcantes que sedimentou o surgimento de uma nova civilização no agreste do Sul de Santa Catarina” (MILANEZ, 1991, p. 9). O livro é uma reunião de muitos fragmentos de acontecimentos sobre a cidade.

Assim, o livro de Milanez inicia com destaque para a bandeira, escudo e hino de Criciúma para em seguida entrar no primeiro capítulo, onde o autor enfatiza a chegada dos imigrantes italianos e a vida destes nos primeiros tempos. Para Milanez os italianos foram os pioneiros na ocupação de Criciúma. O capítulo é finalizado com uma apologia a família Milanesa, são destaques: o brasão, a genealogia e os feitos e homenagens recebidas por Pedro Milanez.

No segundo capítulo intitulado: “Povos Colonizadores” o autor abordou as demais etnias que formaram Criciúma, poloneses, letos, teuto-russa, alemã, portuguesa, negra, espanhola, árabe e japonesa. Mas o que Milanez escreve sobre os alemães? O autor destacou um pouco mais de uma página não chegando a duas para a etnia alemã. Em sua narrativa aponta para facilidades que tiveram os alemães que vieram para Forquilha.

Os primeiros alemães que vieram para Forquilha tiveram melhor sorte do que os pioneiros italianos, que tiveram que entrar vinte e cinco quilômetros a pé, mata a dentro. Eles encontraram estradas abertas e até alguns moradores na região, motivo pelo qual foi possível trazer as mudanças a cavalo e de carro de boi (MILANEZ, 1991, p. 64-65).

Após apontar para o pioneirismo italiano e as facilidades que tiveram os alemães, Milanez rapidamente arrolou as três primeiras famílias alemãs que vieram de Capivari para Forquilha (Gabriel Arns, Geraldo Westrup, Francisco Back); os primeiros professores (Jacob Arns e Adolf Back); o primeiro padre (Paul Linartz); os padres filhos de Forquilha (João Crisostomo Arns e Evaristo Arns); a construção da primeira igreja em 1920; a vinda das irmãs Escolares de Nossa Senhora da Alemanha em 1935.

Milanez destaca certa tensão entre os colonos alemães e o padre Miguel Giacca de Nova Veneza e também a exoneração do professor Jacob Arns. “Em 1919, logo após o término da Primeira Guerra Mundial, um zeloso professor, foi exonerado do cargo, porque foi denunciado, por ignorar, que os alunos, no pátio, fora da escola e na hora do recreio, falavam

o alemão” (MILANEZ, 1991, p. 65). Por fim, foram destacadas algumas famílias alemãs que vieram clandestinos junto com os poloneses, pois o governo alemão não estava permitindo a imigração. Segundo Milanez essas famílias mudaram seus nomes e passaram a chamar-se Tiskoski, Langer, Wrubelski e Nicoski.

Os demais capítulos do livro de Milanez foram compostos por fragmentos de acontecimentos que para o autor marcaram a história política de Criciúma: atos da administração pública, lideranças políticas, atividades econômicas são arroladas comércio e indústrias criadas no município ao longo do século XX. No livro o leitor encontrará um capítulo sobre a mineração, serviços públicos, transportes, imprensa, educação, saúde, religião, clubes e sociedades esportivas.

No último capítulo o autor destacou os distritos de Criciúma e ali se encontrara duas páginas sobre Forquilha. Nestas duas páginas foram destacados a legislação e seus respectivos artigos sobre a criação do distrito de Forquilha. Em seguida são destacados os nomes de quarenta e uma famílias que se estabeleceram em Forquilha no início do século XX (todas descendentes de alemães), a criação do posto de correio no distrito em 1955 e seus agentes (Apolinário Tiscoski e o segundo João de Oliveira), os intendentos do distrito de 1957 a 1983, os juizes de paz 1959 a 1985 e os escrivães de paz 1959 a 1984 (MILANEZ, 1991, p. 300-302).

O livro de Archimedes Napolini Filho, “Criciúma 70 anos: 1925/1995 ensaio para a sua história político-administrativa” publicado em 1995, está organizado em seis capítulos. O livro constitui-se basicamente de uma pequena biografia dos prefeitos que governaram Criciúma de 1925 a 1996 e dos Conselheiros Municipais de 1925 a 1930. Arrola os vereadores eleitos no município de 1936 a 1995 e suas respectivas legislaturas. São arrolados também os nomes dos presidentes do Conselho Municipal e da Câmara Municipal. Finaliza o livro com um apêndice no qual são destacados a geografia, mapas, leis, decretos, hino, atas, cartas, representação no legislativo estadual e federal e fotografias de vários locais da cidade. O livro é basicamente descritivo, não se observa nenhuma análise por parte do autor dos vários processos eleitorais, seu objetivo fica bem explícito na introdução

do capítulo sobre os prefeitos, pois se propõe a fazer “um breve perfil biográfico de cada um desses homens, junto a pequenas informações sobre seus principais feitos à frente da Administração Pública de Criciúma” (NASPOLINI FILHO, 1995, p. 11). A obra constitui-se de elogio aos feitos dos dirigentes municipais.

No que tange a Forquilha, o livro de Naspolini faz uma breve biografia de Gabriel Arns, destaca seus familiares, pais, filhos e irmãos, superficialmente destaca suas atividades econômicas e políticas. Seguindo a mesma linha faz biografia de Paulo Preis com maior ênfase nas suas atividades políticas. Eleito vereador (1947 - 1950), prefeito (1951 - 1955) e Deputado Estadual nas legislaturas (1955 - 1959) e (1963 - 1967) todas pelo Partido Social Democrático. Finaliza destacando as ações de Paulo Preis frente à prefeitura. No livro de Naspolini são citados os nomes dos vários vereadores eleitos por Forquilha.

Por fim, encontra-se dentro desta classificação o livro do padre João Leonir Dall’Alba “Histórias do grande Araranguá” publicado em 1997. O livro constitui-se de uma reunião de mais de uma centena de entrevistas realizadas pelo padre João Leonir na década de 1980 com moradores dos vários municípios do Sul Catarinense. Em Forquilha foram realizadas seis entrevistas, todas no ano de 1986. Foram entrevistados: Antonio Paz Mariana, Domingos Zanetti, Dosolina Vitali de Oliveira, Clementina Venzón Vitali, Arnaldo Preis e Aluísio Hoepers.

Nas entrevistas realizadas pelo padre João Leonir foram abordados vários aspectos do cotidiano dos moradores de Forquilha no início do século XX. Tema recorrente nas várias entrevistas foram as brigas entre a família Rocha e Borges, são várias as versões dadas para o episódio. Foram muitas brigas com mortes que o lugar ficou conhecido como “Sanga da Charqueada” (DALL’ALBA, 1997, p. 358-360).

Aparecem também nas entrevistas aspectos da vida das famílias de luso-brasileiros, italianas e alemãs que viviam na comunidade de Forquilha, em especial nas três primeiras décadas do século XX. Temas como, por exemplo, as primeiras atividades econômicas, os primeiros

moradores, igreja, escola, caça, relação com os serranos, estradas, saúde e casamentos são narrados brevemente nas entrevistas.

O livro de Dall’Alba é uma reunião de entrevistas, o autor fez as entrevistas, transcreveu-as e publicou, a única estrutura dessas entrevistas foi a reunião dos entrevistados por municípios ou comunidades. Outro aspecto do livro foram os entrevistados de Forquilha, dos seis, três eram descendentes de italianos, dois de alemães e um luso-brasileiro, Dall’Alba deu visibilidade para vários grupos étnicos. Seus entrevistados deram ênfase em suas narrativas para as brigas entre as famílias Rocha e Borges, dado que evidencia a presença de luso-brasileiros estabelecidos em Forquilha antes da chegada dos imigrantes europeus.

Mas que diferenças ou peculiaridades podem-se encontrar nesta primeira classificação? Em primeiro lugar, os quatro escritos inventariados, apresentam apenas fragmentos da história da comunidade. Em segundo, foi no livro de Arns e nos fragmentos do livro de Milanez e Napolini que a etnia alemã é colocada em evidência, sendo os outros grupos étnicos invisibilizados. Em terceiro, apenas no livro de Dall’Alba que os vários grupos que ocuparam e colonizaram Forquilha tem visibilidade. Em quarto, com exceção da obra de Dall’Alba que apontou para vários grupos étnicos, as demais quando abordavam Forquilha colocam os imigrantes alemães e seus descendentes sempre em evidência, corroborando para legitimação de uma identidade alemã na cidade.

Por fim, infere-se que o livro de Arns foi fundamental na construção da identidade de Forquilha como comunidade alemã. Como já exposto, seu livro foi uma produção que fazia parte das atividades programadas para o centenário de Criciúma. Arns foi contratada pelo poder público municipal para fazer a pesquisa e produzir o livro. Foi o primeiro escrito que colocou Forquilha como “terra de alemães”, este se configurou por muito tempo em uma referência para o ensino nas escolas públicas e privadas de Criciúma e também para as pesquisas acadêmicas. Pode-se afirmar que a partir do escrito de Arns foi se cristalizando na historiografia uma identidade alemã para Forquilha, pois a grande maioria das produções posteriores seguiram

na mesma trilha de Arns, contribuindo para legitimar e consolidar esta identidade.

A produção de biografias

Muito já se escreveu sobre a história de Forquilha, mas uma grande parte desses escritos é constituída por biografias familiares. São livros que retratam a trajetória individual ou então fazem a genealogia de uma família. Boa parte dessas biografias e genealogias foi produzida pelos próprios parentes, os filhos ou os netos. No levantamento dos escritos sobre Forquilha, foram encontrados nove livros que se enquadram dentro desta classificação. Não estão aqui relacionados os livros de Adolfo Back (Back, 1985) e Otilia Arns (Arns, 2002) que também fazem biografia e genealogia de famílias, mas que serão abordados separadamente na classificação seguinte.

Uma das primeiras biografias e também genealogia foi organizada por Frei J. Crisóstomo Arns intitulada “O tempo do pai Gabriel Arns (1890 - 1990)”. Esta biografia além de Frei Crisóstomo que é filho de Gabriel Arns contou também com a participação de todos os outros doze filhos. O livro constitui-se de uma coletânea de depoimentos sobre a trajetória de Gabriel Arns narrado por seus treze filhos e publicado em 1991, data que marcaria o centenário de sua existência se ainda estivesse vivo, pois faleceu em 1965.

Em todo o livro os filhos de Gabriel Arns narram os bons momentos em que estiveram ao lado do pai. Cada filho buscou selecionar aspectos de suas vidas na infância, adolescência, juventude e vida adulta que viveu com o pai, Gabriel Arns. Nestas lembranças é retratada a preocupação do pai com a educação dos filhos e as atividades e atuação de Gabriel Arns na comunidade de Forquilha. O livro finaliza com a genealogia da família de Gabriel Arns (ARNS, 1991).

Intitulada “Tiscoski: uma história de imigrantes – Adolfo Tiscoski o início de tudo” publicada em 1994, buscou retratar a trajetória dos membros da família Tiscoski a partir de Adolfo Tiscoski, imigrante Europeu que veio

para o Brasil no final do século XIX, se estabeleceu inicialmente na colônia de Nova Veneza e em 1895 migrou para Forquilha. Segundo Adolfo Tiscoski autor deste livro (bisneto de Adolfo Tiscoski) “Decidiram-se então transferir-se para Forquilha, onde constava haver terra boa e barata” E sobre Forquilha referia-se da seguinte maneira “Não havia então mais que 30 famílias, entre ‘brasileiros’, italianos, poloneses e ‘russos’, como eram designados os letões e lituanos. A região ainda era muito isolada, e o acesso se fazia por meio de picadas em meio aos capoeirais” (TISCOSKI, 1994, p. 17). Em seguida o autor traz um mapa destacando os locais onde as principais famílias luso-brasileiras, italianas, polonesas e russas estavam estabelecidas nas terras de Forquilha em 1912.

O livro não tem uma estrutura, não possui um sumário e nem uma divisão por partes ou capítulos. Ao se ler o livro pode-se afirmar que está dividido em duas partes: a primeira é composta por uma narrativa da família Tiscoski e a segunda pela organização da árvore genealógica da família.

Faz-se duas considerações sobre o livro de Adolfo Tiscoski: Em primeiro lugar o livro de Tiscoski não coloca os alemães na condição de pioneiros das terras de Forquilha, muito pelo contrário, o autor deixa explícito que as terras já estavam ocupadas com uma presença significativa de outros grupos étnicos antes da migração dos descendentes de alemães. Em segundo lugar o autor explicita uma crítica a Sociedade União Colonial.² Ao explicar o funcionamento da Sociedade diz que a mesma mantinha os colonos” presos a um sistema de trocas monopolizado”. E continua: “para conseguir dinheiro vivo, vários colonos passaram a negociar alguns artigos de sua produção com outros comerciantes, como o ‘russo’ Frischenbruder, mesmo correndo o risco de ser excluídos da Sociedade” (TISCOSKI, 1994, p. 51).

Em 1995 Frei J. Crisóstomo publicava outra biografia, agora de sua mãe, intitulada “Mãe Helena a Oma”. De maneira geral o livro procurou

² A Sociedade União Colonial foi criada na década de 1930, era formada somente por imigrantes alemães e seus descendentes e dirigida durante toda sua existência por Gabriel Arns. Colonos de outras etnias não eram aceitos.

traçar a trajetória de Helena Steiner Arns – Mãe Helena (1894 -1974) utilizando-se de cartas, depoimentos dos familiares e fotografias. O livro foi organizado em seis partes sendo que as partes três e quatro receberam o maior número de páginas. Na parte três foi traçado o retrato de Helena Steiner Arns – Mãe Helena a partir das lembranças de seus filhos e netos. A quarta e maior parte do livro foi reservado para dar visibilidade para a descendência de Max Joseph Steiner, pai de Mãe Helena, pois como afirma Frei Crisóstomo: “A conscientização de nossas origens é, por si só, um ato de saudade, um preito de gratidão” (ARNS, 1995, p. 173). Assim, esta parte do livro buscou fazer um levantamento genealógico partindo do tetravô Bertram Steiner.

Benno Loch publicou em 1997 o livro “Da Lâmpada de Querosene ao Computador: uma saga de labuta de pioneiros”. A partir das suas lembranças, o autor fez a biografia de seus pais Pedro João Loch e Leopoldina Back e de seus descendentes. Benno Loch ao fazer a biografia de seus familiares faz também a sua autobiografia.

O autor procura destacar as várias atividades econômicas desenvolvidas por seus familiares a partir das estações do ano: na primavera, época de preparação das terras e plantio, no verão, fazia-se a capinação, as coivaras era a época das enchentes e temporais, o outono, era o tempo da colheita do milho, feijão, batata, da ceifa do arroz, era época também das frutas, no inverno, fazia-se a engorda e a matança de porcos, cortava-se a cana-de-açúcar que era levada para os engenhos para produção do açúcar. Loch finaliza o livro fazendo a genealogia de sua família (LOCH, 1997).

“Saga de uma família teuto-brasileira; Lehrer Arns, registros e vida de um professor de colônia”, foi o livro escrito por Walburga Arns da Silva e publicado em 1998. O livro constitui-se da biografia de Jacob Arns, primeiro professor da escola da colônia de Forquilha, escola criada em 1915, três anos após a chegada dos descendentes de alemães nas terras de Forquilha.

Walburga Arns da Silva fez a biografia de seu pai Jacob Arns por solicitação de seus irmãos, utilizou-se dos manuscritos em alemão com caracteres góticos deixados por Jacob Arns “‘Familie Arns’ e ‘Aus meinem Leben’, além da crônica ‘Einiges aus der Geschichte Forquilha (1911-

1926)”. Conforme a autora “o primeiro texto recupera a história da família desde a imigração, o segundo é um trabalho autobiográfico e o terceiro centra-se nos primeiros anos de existência de Forquilha” (SILVA, 1998, p. 13). Todos esses registros foram incorporados na íntegra no livro.

A autora dividiu o livro em seis partes, nas três primeiras narrou a trajetória de Jacob Arns e seus familiares com ênfase na experiência de seu pai Jacob. Na quarta parte do livro a autora destacou a tensão vivenciada por seu pai, os alemães e seus descendentes de Forquilha por ocasião da Segunda Guerra Mundial. Descreve o relato de seu pai sobre o período que esteve preso no campo de concentração em Florianópolis. As duas últimas partes do livro são reservadas para a experiência de Jacob Arns e sua família no Rio Grande do Sul.

As biografias continuaram a ser produzidas na primeira década século XXI. Em 2003, Frei Alberto Beckhäuser publicou o livro “Ernesto Beckhäuser: a vida de um homem honrado” Seguindo as características das biografias produzidas na década de 1990, Frei Alberto é filho de Ernesto Beckhäuser falecido em 1975, organizou seu livro em três partes, na primeira narrou a trajetória dos antepassados de Ernesto Beckhäuser, para em seguida descrever a infância e adolescência deste, sua vinda para Forquilha em 1921 e posteriormente seu estabelecimento em Sanga do Coqueiro Baixo. A segunda parte tratou de abordar a experiência de Ernesto Beckhäuser na comunidade, e a última parte faz uma pequena biografia da descendência dos filhos de Ernesto.

Diferenciando-se de algumas biografias que centram no pioneirismo alemão na formação de Forquilha, o livro de Frei Alberto diz existir algumas lacunas e a necessidade de uma complementação. Sua narrativa sobre os primeiros habitantes de Forquilha buscou dar visibilidade ainda que superficialmente para outros grupos étnicos.

Os primeiros habitantes de Forquilha foram algumas famílias descendentes de açorianos da costa litorânea do oceano atlântico, que aí viviam como posseiros. Os da Rosa, os tomaz, os Rocha, os Machado. Não podiam ser

simplesmente chamados de “caboclos”, nem de intrusos [...].

Além disso, antes da chegada das primeiras famílias de origem alemã a Forquilha, havia uma pequena Comunidade de colonos de origem italiana, com sede a uns três Km ao sul da futura sede da Forquilha dos alemães, na terra que depois pertenceu a Carlos kühlkamp. Era uma Comunidade organizada, com pequena capela de Santa Bárbara e até com cemitério, sendo Celeste Scarduelli o “sacristão”. Disso se conclui que a Comunidade já existia algum tempo antes da chegada dos colonos de origem alemã [...].

À margem direita, moravam as famílias Celeste Scarduelli, Luis Colonetti, Ângelo Mafioletti, Paulo Beretta, Pedro Tramontin e Paulo Savi. Do lado esquerdo, as famílias Natal Tramontin, Luiz Premoli, Luiz Tramontin, para onde se transferiu mais tarde a capela de Santa Bárbara, Antonio Dal Pont, Domingos Darós. Mais abaixo, na altura de São Jorge, Protásio Rocha, Serafim Silva, Antônio Belanda (BECKHAUSER, 2003, p. 58-59).

Quatro anos depois, em 2007, frei Alberto e Irmã Beckhäuser organizaram o livro “Helena Hoepers, nossa mãe” Esta biografia retratou a trajetória de Helena Hoepers, casada com Ernesto Beckhäuser. É mais uma obra no qual os filhos contam suas lembranças do tempo em que conviveram com a mãe.

O livro foi estruturado em IX capítulos, sendo os oito primeiros capítulos escritos pelos filhos Alberto, Petrolina, Alfredo, Maria, José, Marta, Irma e Leonardo. Os filhos abordaram aspectos diferentes de Helena Hoepers e que segundo Frei Alberto “todos, porém, converge em realçar a bondade, a ternura e a meiguice de Helena, nossa mãe, mulher frágil de saúde, mas forte na fé, nas provações da vida e, sobretudo, na dedicação a todos” (BECKHÄUSER; BECKHÄUSER, 2007, p. 7). O último capítulo constitui-se de breves depoimentos de uma nora, sobrinha e de netos.

“Memórias do carro de boi ao trator” foi o livro publicado pelo senhor Alfredo Tiscoski em 2009. O livro é fruto das memórias do senhor

Alfredo que foi descrevendo passagens de sua trajetória e a de seus pais Salvato e Julia Tiscoski. São descritos as constantes mudanças de moradia, as várias atividades de trabalho desenvolvidas por seu pai e a família, os fretes com carro de bois, a olaria, o plantio de arroz e mandioca, a engorda de porcos e o trabalho com o trator e o caminhão.

Foram narradas pelo autor passagens de sua infância e juventude com seus irmãos, as travessuras, a caça de passarinhos, o futebol no Ideal Esporte Clube, as excursões realizadas pelos Marianos e as Filhas de Maria para São Martinho em cima de caminhões. “Ajeitávamo-nos na carroceria do caminhão e fazíamos aquela festa ao longo do caminho” (TISCOSKI, 2009, p. 45). Nos últimos capítulos do livro o autor faz uma genealogia da família, destaca cantos, piadas e frases que marcaram sua juventude e muitas fotografias da família Tiscoski.

O livro de Alzira Preis Lopes “Raízes: Histórias de famílias de Forquilha” foi estruturado em três capítulos, no primeiro destacou a trajetória das famílias de descendentes de imigrantes alemães que se estabeleceram em Forquilha em 1912. No segundo foi constituído por aspectos sóciopolítico-econômicos de Forquilha ao longo do século XX e dados (genealogia) de várias famílias de descendentes de imigrantes alemães que a autora chamou de pioneiros. O último capítulo ocupou-se em traçar a trajetória e genealogia da família Preis, finalizando com uma coletânea de fotografias de Forquilha.

Como já foi exposto, as biografias foram produzidas por filhos, netos e bisnetos dos descendentes de alemães, sendo que dos autores somente dois moravam em Forquilha quando produziram seus escritos – Adolfo Back e Alfredo Tiscoski, os demais já não moravam no município desde a sua emancipação. Outro aspecto dos autores é que todos tinham formação superior (alguns deles eram professores universitários), exceto Alfredo Tiscoski que não havia completado o ensino fundamental. Mesmo estando afastados do município estes autores mantiveram vínculos afetivos com familiares, dado que fica evidenciado nas biografias que possuem objetivo

francamente declarado de homenageá-las.³ Por fim, pode-se afirmar que estas biografias colaboraram na conformação de uma identidade étnica alemã para Forquilha, todas foram produzidas nos anos pós-emancipação, contexto em que o poder público municipal vinha investindo na construção de uma identidade para o município. Não se encontrou nenhuma biografia produzida antes da emancipação.

As histórias gerais

Estão nessa classificação os livros: BACK Adolfo. “100 anos: história de Forquilha”, publicado pela editora da Universidade do Extremo Sul Catarinense em 1995 e ARNS, Otília. “Forquilha 1912 - 2002: história e resgate da memória dos nossos antepassados”, publicado em 2003. Mesmo que estes dois livros façam também biografias de famílias entende-se que grande parte da obra procura contemplar os aspectos sociais, políticos, econômicos, religiosos e culturais de Forquilha ao longo do século XX. Destaca-se também nesta classificação o livro “Forquilha linda de viver” organizado pela Edições Gluck, publicado em 2006.

O livro de Adolfo Back foi organizado pelo professor Eurico Back, e é fruto de dois manuscritos do professor Adolf Back, redigidos em 1968. Os escritos intitulavam-se: “História de Forquilha” e “Origem e Propagação da Família Back em Santa Catarina”. O professor Eurico Back estruturou o livro em duas partes: na primeira, estão às narrativas de Adolf Back sobre a história de Forquilha e na segunda, é destacada a trajetória da família Back em Santa Catarina.

No prefácio, Eurico Back faz uma breve biografia de Adolf Back para em seguida abordar a formação de Forquilha nos seus vários aspectos. Foi abordada com maior ênfase a imigração alemã para o Brasil e a vinda para o

³ Mesmo com objetivo explícito de homenagear os familiares estas biografias podem fornecer uma ampla visão das condições sociais, culturais, políticas e psicológicas que gravitam em Forquilha.

Vale do Rio Capivari, a fundação da colônia de Forquilha, a educação, a vida religiosa (construção da capela, padre Paul Linnartz, vinda das irmãs, nova matriz...), a Sociedade União Colonial (fundação, fábrica de banha, fábrica de laticínios, primeiro telefone, beneficiador de arroz e atafona...), as pontes sobre o rio mãe Luzia, participação política, criação do distrito, as obras públicas municipais, o esportes, o êxodo, a criação da cooperativa de eletrificação rural, a cooperativa agropecuária de Forquilha Ltda, o frigorífico Sul-catarinense S.A – Frisulca e por fim o cultivo do arroz.

Na segunda parte do livro foi dada ênfase para as trajetórias dos membros da família Back que saíram da Alemanha na metade do século XIX e imigraram para o Brasil.

No remoto ano de 1846, partiu da aldeia de Briedel, no Mosela, pertencente ao histórico bispado de tréveris (trier) a família de Matias Back [...] Após penosa viagem de veleiro, aportaram na antiga capital da província de Santa Catarina, Desterro, e vieram a estabelecer morada no Rio dos Bugres (Bugarbach), afluente do Rio Cubatão (BACK, 1995, p. 75).

Após abordar o processo de imigração dos Back para o Brasil e os primeiros locais em Santa Catarina onde se estabeleceram, o livro faz uma genealogia dessa família com ênfase na trajetória de João José Back, pai de Adolfo Back que veio se estabelecer em Forquilha no início do século XX.

Depois de descrever a trajetória de João José Back de maneira bastante elogiosa, descreve também a trajetória de cada um de seus filhos com maior ênfase para Adolfo Back, e finaliza com a descrição da trajetória dos filhos de Adolfo Back.

Em 2002, Otilia Arns publicou o livro intitulado: “Forquilha 1912-2002: história e resgate da memória dos nossos antepassados”. A autora estruturou o livro em trinta e seis capítulos, inicialmente aborda a situação socioeconômica e política da Alemanha que levaram ao processo de imigração para América e o Brasil. Arns destacou os vários núcleos coloniais

organizados por imigrantes alemães em Santa Catarina, a começar pela Colônia São Pedro de Alcântara (o primeiro núcleo de imigrantes alemães no estado), a Colônia Santa Isabel, a Colônia Teresópolis e a Colônia Capivari.

No capítulo X, Arns abordou a chegada dos descendentes de imigrantes alemães nas terras de Forquilha. Foi abordado neste capítulo, o maior do livro, vários aspectos da comunidade de Forquilha, em especial nos seus primeiros trinta anos. Arns começa explicando o nome do lugar, a geografia, as pontes do rio Mãe Luzia, “os ditos pioneiros”, as atividades econômicas, a educação, os professores Jacob Arns e Adolfo Back, perfil de personalidades consideradas marcantes pela autora (João José Back, Geraldo Westrup e Gabriel Arns), a presença das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, a importância de padre Paul Linnartz e irmã Maria Norberta, a Pastoral da Criança com as Irmãs Escolares, a criação do hospital São José de Criciúma e por fim, são destacados aspectos da religiosidade em Forquilha (primeira igreja, nova matriz, coral, cemitérios e os padres).

Os capítulos XI e XII foram reservados para a questão religiosa, são abordados a criação de dioceses em âmbito geral, a presença dos franciscanos em Forquilha, a paróquia de Forquilha e os padres, filhos das famílias de Forquilha (Frei Mateus Hoepers, Frei Alberto Preis, Frei Crisóstomo Arns, Frei Ático Eyng, Frei Jerônimo Back, Dom Paulo Evaristo Arns – Cardeal, Pe. Inocêncio Warmling, Pe. Alfredo Junkes, Pe. Bernardo Junkes, Pe. Silvestre Junkes). Como se observa ao longo do século XX, Forquilha teve um número significativo de descendentes de alemães que optaram pelo sacerdócio.

Nos capítulos seguintes foram privilegiados os aspectos socioeconômicos de Forquilha ao longo século XX: a crise mundial de 1929 e seus efeitos na comunidade, a fábrica de laticínios, os meios de transporte, a fundação da Sociedade União Colonial, a Cooperativa de Eletrificação Rural, o cultivo do arroz, a Cooperativa agropecuária, o Frisulca e o Correio. Foram destacados também aspectos como: o tratamento com a saúde nos primeiros tempos, a nutrição, o esporte e o lazer.

Os aspectos sócio-políticos de Forquilha, Arns tratou nos capítulos vinte e nove, trinta e trinta e um. Foi abordada superficialmente a

política nos primeiros tempos da comunidade, faz uma apologia ao governador Esperidião Amin Helou Filho, destacou a transformação de Forquilha em Distrito, a luta pela emancipação política, a criação dos símbolos do município, os prefeitos e vereadores que estiveram à frente do executivo e legislativo em Forquilha até 2002 e finaliza destacando a inauguração da nova sede da prefeitura municipal.

Nos últimos capítulos Arns destaca a criação da Casa de Encontros Mãe Helena e os objetivos desta instituição, faz um breve registro da trajetória de Zilda Arns Neumann, Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança e uma genealogia das famílias alemãs e descendentes que se estabeleceram em Forquilha, capítulo recheado com muitas fotografias. Por fim, no epílogo Arns faz uma série de agradecimentos e em seguida destaca algumas canções cantadas pelos descendentes de alemães em Forquilha que a autora chama ao longo de todo o trabalho de “pioneiros”.

O livro “Forquilha linda de viver” propõe-se em seus oito capítulos traçar um perfil turístico do município de Forquilha. São abordados muito superficialmente a formação sócio-política, a infraestrutura, o desenvolvimento econômico, o turismo, as festas e eventos culturais, a arte, os costumes, tradições e as várias personalidades da cidade. O livro foi construído com textos extremamente curtos e muitas imagens.

Nesta classificação dos escritos sobre Forquilha, os livros de Adolfo Back e Otilia Arns foram colocados na condição de “histórias gerais”. É imperativo fazer aqui algumas considerações sobre essas obras. Em primeiro lugar, cabe destacar que Back e Arns vêm da academia, ambos foram professores universitários, o primeiro professor do Curso de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense - Criciúma e a segunda, lecionou do Curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Em segundo lugar, as duas obras tratam exclusivamente sobre a ocupação, colonização, organização e trajetória de imigrantes alemães e seus descendentes em Forquilha, não se observa nas obras a presença de outros grupos étnicos na formação de Forquilha. Há uma invisibilidade nestas obras das etnias luso brasileiras, italianas, polonesas, russos, negros e japoneses. Em terceiro lugar observa-se também uma invisibilidade das várias

comunidades que formavam e formam o município de Forquilha, desde as mais antigas até as criadas recentemente, essas comunidades quando aparecem são citadas superficialmente (atualmente o município é constituído por vinte oito comunidades). O núcleo central e as atividades desenvolvidas é que ganham visibilidade. Em terceiro lugar, é preciso deixar explícito para o leitor a diferença de tempo em que às duas obras foram escritas, a de Adolfo Back em 1968 (mesmo que publicada somente em 1995), e a de Otilia Arns em 2002. Entende-se que a obra de Otilia Arns escrita em pleno século XXI poderia ter contemplado a diversidade étnica que constitui o município, haja visto, que nas últimas duas décadas Forquilha teve um grande crescimento na sua indústria e comércio e atraiu um número significativo de migrantes das mais variadas etnias.

Destarte, as duas obras ao darem ênfase somente para os feitos de imigrantes alemães e seus descendentes, contribuíram para sedimentação de uma identidade étnica alemã para a localidade. Por muito tempo constituíram-se também nas principais referências para trabalhos acadêmicos e para as escolas do ensino fundamental e médio de Forquilha. Em especial o livro de Arns, que além de ser publicado durante o governo do prefeito Paulo Hoepers (2000 a 2003), que continuou investido na construção da identidade alemã, se apresenta com certa legitimidade e autoridade na medida em que no texto logo após o prefácio traz cinco mensagens e fotografias, a saber: do Presidente da República Fernando Henrique Cardoso; do Cardeal Arcebispo Emérito de São Paulo Dom Paulo Evaristo Arns (irmão da autora); do governador do estado Luiz Henrique da Silveira; do Bispo Diocesano de Criciúma Dom Paulo Antônio de Conto e do prefeito municipal Paulo Hoepers. Todas estas vozes “autorizadas” saudaram o livro de Arns que foi lançado no ano em que Forquilha comemorava os noventa anos de colonização alemã.

Os escritos temáticos

No que tange as obras de caráter temático, foram encontrados doze escritos, sendo onze produzidos entre os anos de 1997 a 2012, portanto após a emancipação e um em 1987. Destes, cinco são livros e sete são monografias de graduação e especialização em história. Destacam-se aqui as obras que de algum modo deram ênfase a questão étnica.

A pesquisa de Marincler Taufembach, “O cotidiano da mulher descendente de imigrantes alemães no processo de colonização de Forquilha (1915-1950)” de 1997, buscou dar visibilidade para o trabalho feminino na colônia de Forquilha. Para a autora, as mulheres de Forquilha eram preparadas “para serem boas donas de casa, trabalhadeiras, limpas e prendadas” (TAUFEMBACH, 1997, p. 20). Desde pequenas as meninas eram formadas através da participação “nas atividades desenvolvidas pela família: domésticas, agrícolas e artesanais. Na convivência com a mãe e demais membros da família, a menina aprendia também hábitos de conduta e valores morais” (TAUFEMBACH, 1997, p. 20). Esta formação continuava na escola. Além disso, abordou como eram os namoros, os casamentos, explica que as mulheres tinham pouca liberdade e uma longa jornada de trabalho.

De autoria de Irmã Maria Helena Arns em 2000, foi publicado um dos primeiros livros temáticos sobre Forquilha. Intitulado “História das Irmãs Escolares de Nossa Senhora do Colégio Sagrada Família: Forquilha/SC - Brasil”. A escrita versa sobre as experiências das irmãs escolares junto à comunidade de Forquilha ao longo do século XX.

O livro inicia descrevendo a formação de Forquilha a partir da chegada dos descendentes de imigrantes alemães. Em seguida descreve a chegada e instalação das Irmãs Escolares em Forquilha em 1935 e a ação e participação destas junto à comunidade nas décadas seguintes, em especial na educação e direção do Colégio Sagrada Família. É destacada a participação das Irmãs na pastoral catequética, pastoral da juventude, pastoral vocacional, pastoral da criança, clubes de mães e fundação de missionários leigos. O livro

finaliza apontando para os eventos especiais organizados pelas Irmãs Escolares.

O livro de Irmã Maria Helena Arns iniciou enfatizando somente os descendentes de imigrantes alemães, que são destacados na introdução como bravos pioneiros. Conforme a autora, a história da comunidade “exige uma reflexão sobre a origem dos antepassados, os pioneiros da colônia e de sua colonização” (ARNS, 2000, p. 9). Os colonizadores e pioneiros são os descendentes de alemães, os outros grupos étnicos não são se quer citado. No entanto, quando se observa o número de filhas de Forquilha que se tornaram irmãs, há significativa presença de descendentes de italianas e também de luso-brasileiras (ARNS, 2000, p. 56)

Pesquisa realizada em 2001, a monografia de especialização de Valdecir Mariana intitulada “Desconstruindo Mitos: os preconceitos étnicos durante a colonização de Forquilha 1860 – 1950” buscou dar visibilidade para outros grupos étnicos que viviam em Forquilha, luso-brasileiros, italianos e poloneses e que estes já habitavam o território muito antes da chegada dos alemães em 1912. Buscou explicitar os preconceitos existentes na relação dos alemães com italianos e lusos, principalmente quando aborda os casamentos. Buscou questionar “porque Forquilha é chamada de ‘terra de alemão’ se a grande maioria da população da colônia no final do século XIX e início do XX eram constituídos basicamente de outros grupos étnicos” (MARIANA, 2001, p. 6). O autor diz não ter a intenção de desqualificar uma etnia em detrimento da outra, mas sim dar visibilidade para outros sujeitos que estavam invisíveis na história de Forquilha.

O escrito de Rosiane A. Machado “Organização econômica de Forquilha: a Sociedade União Colonial (1935 a 1966)” de 2004, abordou o contexto de criação da Sociedade União Colonial na década de 1930, constituída somente por imigrantes alemães e seus descendentes. Outros grupos étnicos não era permitido ser sócio, podiam somente comprar produtos no armazém da sociedade, mas eram tratados de maneira diferenciada no atendimento, havia exclusividade para os alemães. A

Sociedade União Colonial veio aumentar a fronteira étnica na comunidade. A autora procurou destacar a importância do Pe. Paul Linnartz⁴ na constituição da Sociedade, o funcionamento da Sociedade a partir da análise de seus estatutos, a influência da sociedade na modernização da comunidade com a instalação de telefone e a eletrificação rural. Finaliza apontando para as dificuldades enfrentadas pela Sociedade até a sua liquidação em 1966.

“História, memória e medo em Forquilha nas décadas de 1930-1940” foi a pesquisa realizada por Isabela Niehues dos Santos em 2005. A autora procurou retratar o clima de tensão e medo vivenciado pelos imigrantes alemães e seus descendentes que viviam na comunidade de Forquilha, em especial a partir de 1937 com a implantação do Estado Novo e posteriormente com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos aliados.

A autora demonstra que a política da nacionalização empreendida pelo governo de Getúlio Vargas em âmbito nacional e aprofundada por Nereu Ramos em Santa Catarina levou a proibição na escola e comunidade de Forquilha de se falar em alemão, posteriormente a escola seria fechada. Esta tensão aumentou quando o Brasil entrou na guerra contra a Alemanha, os descendentes de alemães em Forquilha passaram a ser alvo de perseguições e prisões, exemplo disto foi prisão do professor Jacob Arns que foi levado para o campo de concentração em Florianópolis. Santos demonstra através de entrevistas como esse clima de medo foi sentido pelos descendentes de imigrantes alemães, que tiveram que queimar ou enterrar livros ou qualquer outro objeto com alguma inscrição em alemão.

Com a pesquisa “Pisando em “terra de Alemão”: Identidade étnica no município de Forquilha” em 2006, Valdecir Mariana entrevistando moradores do município de Forquilha procurou evidenciar as fronteiras étnicas na relação entre os descendentes de imigrantes alemães com os outros grupos étnicos (luso-brasileiros, italianos, e poloneses). Explica que essas

⁴ Pe. Paul Linnartz veio da Alemanha para Forquilha na década de 1930 e foi fundamental para a criação da sociedade, pois foi ele quem conseguiu o capital para sua constituição, os colonos não dispunham de recursos.

fronteiras estabelecidas entre essas etnias ficavam evidentes nos aspectos religioso, cultural e social, já as relações comerciais ocorriam sem muitos problemas. Buscou demonstrar também que luso-brasileiros, italianos, e poloneses já estavam estabelecidos antes da chegada dos alemães em Forquilha.

Alzira Preis Lopes publicou em 2008 o livro: “Música & canto: alma de Forquilha” A autora procurou fazer um relato de noventa anos dos corais de Forquilha criado após a construção da igreja. “Com a construção da igreja logo foi formado um coro de cantos litúrgicos, que eram cantados em alemão ou em latim” (LOPES, 2008, p. 12). De maneira geral, o livro faz uma biografia dos regentes e dos dirigentes dos corais (dos dezesseis regentes dos corais, doze eram alemães e descendentes), destaca as músicas consideradas marcantes em cada época e finaliza com uma galeria de fotografias enfatizando momentos de apresentação dos corais de várias épocas.

O livro de Jorge Daros, “Meio século de história: 50 anos COOPERA, 1959-2009”, lançado em 2009, abordou a trajetória da Cooperativa de Eletrificação Rural de Forquilha criada em vinte e sete de janeiro de 1959. O livro foi estruturado em três capítulos sendo que no primeiro faz uma breve descrição da formação de Forquilha com ênfase nos colonos alemães (estes são colocados pelo autor como os pioneiros de Forquilha, elenca as famílias de descendentes de alemães que se estabeleceram na localidade em 1912), em seguida aponta para certo espírito cooperativista do município enfatizando a Sociedade União Colonial, a Cooperativa agropecuária, o Frigorífico Sul Catarinense até a criação da Cooperativa de eletrificação Rural de Forquilha – COOPERA. Destaca ainda o estatuto da Cooperativa, suas diretorias, sua eficiência, os investimentos, os direitos dos consumidores e finaliza dando voz aos associados e consumidores.

O segundo capítulo pautou-se por uma descrição das entrevistas realizadas com os atuais dirigentes da COOPERA e o capítulo final constituiu-se também de entrevistas e da relação de todos os funcionários da Cooperativa. Observa-se que dos 50 anos da COOPERA, somente durante

seis anos ela não esteve sob a direção dos descendentes de alemães, sobrenomes como Michels, Back e Arns se revezaram no comando da cooperativa.

Por fim, em 2012, foi publicado o livro: “Forquilha: do presente para o passado, outras memórias uma nova história” de João Henrique Zanelatto e Paulo Sérgio Osório. Os autores indo na contramão do que já havia sido escrito sobre Forquilha buscaram evidenciar a pluralidade étnica do município. Foi destacada a diversidade de grupos étnicos alemães, italianos, luso-brasileiros, poloneses, russos, japoneses, afro-descendentes que juntos vem construindo a história de Forquilha desde o final do século XIX.

Para contemplar essa diversidade étnica e cultural que compõe o município de Forquilha o livro abarcou seis eixos temáticos. São eles: A Ocupação e Colonização; Economia, trabalho e migração; Política Tensão e Paixão; Educação: a organização escolar; As Práticas Culturais: Lazer, Religião e Festas; Historiografia. Esses temas complementam-se e contribuem para mostrar especificidades e dar visibilidade à história de Forquilha (ZANELATTO; OSÓRIO, 2012, p. 14).

Zanelatto e Osório ao abordarem os vários grupos étnicos (suas tensões e conexões) que constituíram Forquilha deram visibilidade também para as vinte e oito comunidades que formam o município, demonstrando como estas e seus moradores se relacionavam com o núcleo central do município, habitado especialmente pelos descendentes de alemães.

Últimas palavras: historiografia e poder público construindo uma identidade

Finalizando este inventário historiográfico faz-se ainda algumas considerações sobre os escritos referentes à Forquilha. Em primeiro lugar,

foram inventariados vinte e nove escritos sobre a história deste município, esta quantidade de escritos é um dado extremamente relevante quando comparado com outros municípios do porte de Forquilha. A maioria dos municípios do sul catarinense esta longe de possuir uma quantidade tão expressiva de escritos sobre sua história. Em segundo, dos vinte e nove escritos, dezesseis foram produzidas por filhos, netos ou bisnetos dos descendentes de alemães que se estabeleceram em Forquilha em 1912, sete por descendentes de italianos, quatro por lusos e somente uma por dois autores, sendo um descendente de italiano e o outro luso. Fica assim evidenciada a preponderância de escritos produzidos por descendentes de alemães que escreveram sobre os alemães de Forquilha.

Em terceiro, cabe explicitar o contexto de produção dos 29 escritos, dois foram produzidos na década de 1980, época em que Forquilha ainda era um Distrito que pertencia ao município de Criciúma e que, portanto sua história e identidade estavam vinculadas a este último. Grande parte dos escritos foi produzida após a emancipação, na década de 1990 foram dez, dezesseis, na década de 2000 e uma na seguinte. Foi na década de 1990 que foi produzida a maioria das biografias das famílias descendentes de alemães, contexto pós-emancipação em que o prefeito eleito foi um descendente e como foi exposto no início, uma das ações foi incentivar a construção das casas com fachadas enxaimel, e a criação da “Fruhlingsfest” e posteriormente “Heimatfest” com objetivo de valorizar supostas tradições alemãs. Em 2002 durante o mandato do prefeito Paulo Hoepers foi inaugurada a nova sede da prefeitura, o prédio tinha traços da arquitetura enxaimel. Além disso, 1912 passou a ser oficialmente a data de colonização e fundação de Forquilha, ano que marca a chegada das primeiras famílias de alemães, este é o histórico que se encontra no sitio da prefeitura, um dos principais monumentos da cidade também legitima esta construção. As biografias que foram produzidas serviram para contribuir na construção de uma identidade e tradição alemã, era o passado legitimando as ações do presente (HOBSBAWM; RANGER, 1997). Como já exposto, estes escritos foram e ainda são utilizados nas escolas públicas e privadas como referência para se abordar o processo de

colonização e fundação de Forquilha, ou seja, dava-se visibilidade para um passado alemão e colocavam-se os outros grupos étnicos na invisibilidade.

Na década de 2000 outras biografias foram sendo produzidas sobre os descendentes de alemães, mas começaram a aparecer escritos questionando a suposta tradição e identidade alemã de Forquilha, surgiram também os escritos temáticos que passaram a problematizar vários aspectos da vida em Forquilha. Estes se constituíram de monografias de conclusão de curso e monografias de especialização produzidas no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Este contexto foi marcado por um grande crescimento econômico de Forquilha, várias famílias de descendentes de poloneses, luso-brasileiros e italianos que moravam na área rural de Forquilha vieram para o centro urbano, ascenderam economicamente com atividades vinculadas a indústria e ao comércio. Outro aspecto foi processo de migração ocorrido na década para Forquilha. Migrantes procedentes dos vários municípios do Sul Catarinense e de outros estados vieram para trabalhar nas indústrias da cidade, provocando o surgimento de novos bairros e mudando significativamente a paisagem humana. Se em 1991 havia 9.661 habitantes na área rural e 4.397 na área urbana, em 2000 observa-se uma inversão da ocupação do município eram 14.557 habitantes na área urbana e 3.792 na área rural (ZANELATTO; OSÓRIO, 2012, p. 112).

Em quarto, de todos os vinte nove escritos somente três buscaram refletir sobre o discurso do pioneirismo dos descendentes de alemães, sobre os preconceitos étnicos, sobre a invisibilidade dos luso-brasileiros, italianos, poloneses, russos e negros. Não encontramos nenhum livro, dissertação, monografia de especialização ou monografias de conclusão de curso que abordassem especificamente os luso-brasileiros, italianos, poloneses, russos e negros que viviam em Forquilha.

Em quinto “os primeiros escritos”, “as biografias”, “as obras gerais”, e também “os escritos temáticos” em sua maioria colocaram os descendentes alemães como os pioneiros de Forquilha, e é esta construção que vem permeando os vários espaços na cidade, seja ele público ou privado,

contribuindo para sedimentar uma imagem da cidade como sendo terra de alemão, mesmo com toda a sua pluralidade étnica.

Em sexto, mesmo que “os primeiros escritos”, “as biografias”, “as obras gerais” e “os escritos temáticos” tenham centrado sua abordagem nos descendentes de alemães não podem ser invalidadas ou desconsideradas, mas muito pelo contrário, são contribuições significativas que revelam uma pluralidade de aspectos da vida em Forquilha e também uma preocupação dos que ali viveram e vivem com sua história.

Por fim, estes escritos constituem-se em fontes riquíssimas para quem deseja iniciar uma pesquisa. Fica também evidenciado que muito pode ser feito ainda sobre a história de Forquilha, em especial dar voz para outras etnias, grupos, sujeitos e suas práticas ainda invisíveis.

Destarte, buscou-se tão somente fazer um inventário historiográfico dos escritos produzidos sobre Forquilha e demonstrar a predominância da etnia alemã. Não se teve a intenção de fazer uma análise apurada destes escritos, pois a grande quantidade implicaria em um escrito com um número de páginas bem superior para um artigo. Entende-se que este inventário historiográfico configura-se em uma contribuição relevante para compreender como a imagem de cidade alemã foi sendo sedimentada nestes escritos. Demonstrou-se ainda que a produção historiográfica e o poder público foram fundamentais na conformação da identidade alemã de Forquilha, especialmente após a emancipação.

Referências

- ARNS, Otilia. *Criciúma 1880-1980: “a semente deu bons frutos”*. Florianópolis: IOESC, 1985.
- ARNS, Frei J. Crisóstomo. *Mãe Helena: a OMA*. Curitiba: Ed. Linarth LTDA, 1995.
- ARNS, Maria Helena. *História das Irmãs Escolares de Nossa Senhora do Colégio Sagrada Família Forquilha/SC – Brasil*. Forquilha: Ellus Editora e Gráfica, 2000.

- ARNS, Otilia. *Forquilha 1912-2002: história e resgate da memória dos nossos antepassados*. Florianópolis: IOESC, 2002.
- BACK, Adolfo. *100 anos: História de Forquilha*. Criciúma: Ed. UNESC, 1995.
- BARTH, Frederick. *Os grupos étnicos e suas fronteiras*. Tradução de Rodrigo Lavina. México: Fundo de Cultura Econômica, 1976.
- BECKHÄUSER, Alberto. *Ernesto Beckhäuser: a vida de um homem honrado*. Petrópolis, RJ: A. Beckhäuser, 2003.
- BECKHÄUSER, Alberto. BECKHÄUSER, Irma. *Helena Hoepers, nossa mãe*. Petrópolis: Ed. dos autores, 2007.
- DALL'ALBA, João Leonir. *Histórias do grande Araranguá*. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997.
- DAROS, Jorge. *Meio século de história: 50 anos COOPERA, 1959-2009*. Forquilha: COOPERA, 2009.
- GATELLI, Gema. *A Evolução Econômica de Forquilha*. Criciúma: Unesc, 1987 (Monografia de Especialização em História)
- GLUCK, René. *Forquilha: linda de viver*, Santa Catarina, Brasil, Forquilha, SC: [s.n.], 2006.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, T (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LOCH, Benno. *Da lâmpada de querosene ao computador: uma saga de labuta de pioneiros*. Atlanta: ed. Do autor, 1997.
- LOPES, Alzira Preis. *Música & canto: alma de Forquilha*. Forquilha: Prefeitura Municipal, 2008.
- LOPES, Alzira Preis. *Raízes: Histórias de famílias de Forquilha*. Forquilha: Formsul, [s.d.].
- MACHADO, Rosiane. *A organização econômica de Forquilha: a Sociedade União Colonial (1935 a 1966)*. (Monografia de graduação em História). Criciúma: Unesc, 2004.
- MARIANA, Valdecir. *Desconstruindo mitos: os preconceitos étnicos durante a colonização de Forquilha 1860 -1950*. (Monografia de Especialização em História). Criciúma: Unesc, 2001.

- MARIANA, Valdecir. *Pisando em “terra de Alemão”*: Identidade étnica no município de Forquilha. (Monografia de graduação em História). Criciúma: UNESC, 2006.
- MARTINELO, André Souza. *Política Agrária e Imigratória nas Colônias Japonesas de Santa Catarina (1961 -1978)*. (Monografia de graduação em História). Florianópolis: UFSC, 2007
- MILANEZ, Pedro. *Fundamentos históricos de Criciúma*. Florianópolis: Ed. do autor, 1991.
- NASPOLINI FILHO, Archimedis. *Criciúma 70 anos: 1925/1995: ensaio para a sua história político-administrativa*. 4ª ed. Criciúma: Ed. do autor, 1995.
- SANTOS, Isabela Niehues dos. *História, memória e medo em Forquilha nas décadas de 1930-1940*. (Monografia de graduação em História). Criciúma: Unesc, 2005.
- SILVA, Walburga Arns. *Saga de uma família teuto-brasileira: Lehrer Arns, registros e vida de um professor de colônia*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1998.
- POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998.
- TAUFEMBACH, Marincler. *O cotidiano da mulher descendente de imigrantes alemães no processo de colonização de Forquilha (1915-1950)*. (Monografia de Especialização em História). Criciúma: Unesc, 1997.
- TISCOSKI, Adolfo. *Uma história de imigrantes*. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1994.
- TISCOSKI, Alfredo. *Memórias do carro de boi ao trator*. Forquilha: Ed. do autor, 2009.
- VENSON, Fabiane. *Entre o sagrado e o profano: práticas religiosas da igreja católica na comunidade de Sanga do Engenho (1914-1956)*. (Monografia de graduação em História). Criciúma: Unesc, 2008
- ZANELATTO, João Henrique. OSÓRIO, Paulo Sérgio. *Forquilha: do presente para o passado, outras memórias uma nova história*. Forquilha: Ed. Unesc, 2012.

WILLENMANN, Valentin. *Conhecendo nosso bairro: Vila Lourdes*.
Forquilha: Ed. do autor, 2007.